

Retrato de um doente

Roger Oscarsson, Estocolmo, 29 de Abril de 2005

Chamo-me Roger Oscarsson. Vivo em Estocolmo, na capital da Suécia. Hoje tenho 45 anos. Descobri que tinha cancro, um mieloma, um mieloma múltiplo, em 1998: depois de ter passado dois anos com grandes dores, sobretudo nas costas. As dores tanto eram em cima como em baixo. Por isso, ninguém conseguia descobrir onde estava realmente o problema. Fui a especialistas, consultei médicos, curandeiros, fiz tudo o que era possível. Realmente a única coisa que fiz durante dois anos foi ir de um sítio para o outro. O que não fiz foi fazer umas análises ao sangue, etc. Não nos encarregámos disso. Os médicos examinaram as minhas costas e não encontraram nada. Pois, afinal, o mieloma afecta geralmente as pessoas de idade.

Naquela altura tinha 38 anos, pelo que ninguém pensava que se poderia tratar de um mieloma. Mas ao fim de dois anos, um quiroprático que me tratava e a quem contei que não sentia melhoras, me disse: "Faça umas radiografias, um exame completo, incluindo análises ao sangue e todo o resto." E nunca mais o voltei a ver. Fui ao médico e lhe pedi um exame completo com radiografias e todo o resto. Fui depois ao hospital da zona sul de Estocolmo, em Huddinge, onde me encontrei pela primeira vez com o meu médico, o Dr. Björkstrand. Ele tirou uma amostra da minha medula óssea e, ao vê-la simplesmente, diagnosticou-me um mieloma múltiplo. Isto foi em Agosto de 1998, há sete anos. E ... desde esse dia a minha vida mudou por completo.

Em primeiro lugar fiquei muito contente por saber finalmente a que se deviam as dores que sentia nas costas. Uma vez que no Verão de 1998 já não podia andar; tudo o que posso dizer é que andava como uma pessoa muito idosa. De facto, foi uma boa notícia saber qual era o meu inimigo... e conhecer como se ocuparam de mim.

Começámos o tratamento no dia seguinte, com uma quimioterapia muito intensiva. Segui o tratamento quimioterápico até ao Outono de 1998, e em Janeiro de 1999 fizeram-me um transplante, e o segundo em Março de 1999. Nenos dois anos seguintes estive então livre do cancro. Mas o cancro voltou, lentamente, muito lentamente, e no momento em que o meu médico queria iniciar um estudo com Velcade, também eu iniciei este tratamento.

Deste modo fui a primeira pessoa na Escandinávia a testar o novo medicamento em fase de estudo. O tratamento durou nove meses com bons resultados. Durante esse período de tempo, continuei a trabalhar, uma vez que, passado um ano, retomei a minha actividade profissional. Trabalho como chefe de cabina para a companhia aérea Britannia Airways, um trabalho que faço há 18 anos. Considero-me com muita sorte por ainda poder trabalhar. Hoje, no ano de 2005, a 75% da minha capacidade. E este trabalho dá-me uma grande satisfação.

Antigamente tomei Velcade durante nove meses e realmente ... conseguiram-se muito bons valores. Os valores permaneceram a um nível baixo durante nove meses e depois começaram novamente a subir. Por essa razão comecei a tomar outra vez Velcade em Outubro de 2004, e certamente que continuarei o tratamento no Outono com ... cortisona.

Também me sinto com muita sorte por ter estado nas mãos do mesmo médico desde o primeiro dia, em Agosto de 1998 e até hoje: o doutor Bo Björkstrand do hospital Karolinska de Huddinge. É ele quem tem vindo a estabelecer sempre o plano do meu tratamento. Hoje mesmo fui ao hospital e recebi a última injeção de Velcade e conversámos, pois os valores de cancro ainda continuam muito elevados no meu corpo. Ele disse-me: "Estão altos sim, mas o seu corpo é bastante forte, vamos fazer umas radiografias no Verão, isto é, fazemos um intervalo no Verão e voltamos a encontrar-nos em Agosto. Depois continuaremos o tratamento no Outono."

A minha primeira reacção quando o médico me disse que tinha cancro foi: “Agora sou um dos que fazem parte das estatísticas, porque, como todo o mundo sabe, um em cada quatro ou cinco pessoas adoecem de cancro ao longo da vida.” E também pensei: “Okay, pertenço a esses 20 ou 25 por cento, não tenho a certeza do número das estatísticas. Realmente há muitas pessoas que adoecem de cancro, na forma benigna ou maligna. E agora sei contra o que tenho de lutar, conheço o inimigo e posso concentrar-me nele.” Nunca me encontrei em estado de choque. É como se soubesse que agora tenho de arregaçar as mangas e começar a lutar e lutar.

E, na minha opinião, na realidade, a vida é uma luta, independentemente de se ter cancro ou não, temos de lutar sempre. Não há um dia em que se possa recostar ou descansar e dizer simplesmente: “Agora alcancei os meus objectivos”, pois há sempre objectivos novos ..., quando atingimos um, estabelecemos o seguinte. Por isso não creio que a diferença seja assim tão grande.

Quando o meu médico me disse que tinha um mieloma múltiplo, não sabia o que era. Nunca tinha ouvido essa palavra. A primeira coisa que fiz foi tornar-me membro da Associação para a Luta contra o Cancro na Suécia e pedi folhetos sobre a minha doença. Depois distribuí o material recebido, de umas 10-15 páginas, aos meus amigos. Coloquei imensas perguntas, tanto aos meus médicos como ao pessoal de enfermagem e a todos aqueles com quem me encontrei. E, na verdade, não procurava tantas respostas, porque sabia que talvez até nem queria ouvir algumas das respostas que me dariam. Por isso, fiz perguntas, avançando a pouco e pouco.

E, ao fim de alguns anos, também me uni a um grupo de auto-ajuda. Somos um grupo de doentes com mieloma que se reúne uma vez por mês para um pequeno-almoço a meio da manhã. Reunimo-nos em casa dos diferentes membros do grupo. Somos dez pessoas, que se apoiam mutuamente e discutimos sobre novos tratamentos, sobre os médicos que nos tratam: o que nos dizem e o que fazem, etc., etc. Isto é uma grande ajuda. Os membros do grupo têm entre 35 e 80 anos de idade, ...

O que realmente me surpreendeu durante os anos em que tenho vivido com o cancro é a enorme empatia que têm demonstrado tanto os médicos como o pessoal de enfermagem e todos os que trabalham em nosso redor, toda esta equipa. É incrível. E as pessoas queixam-se do tratamento que se recebe na Suécia ou em qualquer outro país ... é tão fácil falar mal de alguma coisa. Eu, pelo contrário, vejo a parte positiva das coisas. E quando há algo que me desagrada, então digo-o: “Não gosto disto.” E normalmente dá resultado.

Gostaria de dizer a todos aqueles que têm um mieloma múltiplo ou cancro em geral que nunca percam a esperança. Porque tenho ouvido histórias de pessoas a quem os médicos deram três ou seis meses de vida e que continuam vivos dez anos mais tarde... Não se escondam em casa, saiam, sejam corajosos. Perguntem às pessoas: “O que devo fazer?” Não deixem para amanhã o que podem fazer hoje. Hoje sinto-me mais vivo do que antes de adoecer com cancro. E digo muitas vezes que todas as pessoas deveriam ter um pouquinho de cancro para se darem conta do prazer de viver e de gozarem a vida com mais intensidade.”